

Origens e destinos da feminilidade em Freud e na contemporaneidade

Cláudia Aparecida Carneiro¹ e Eliana Rigotto Lazzarini^{2,3}

Resumo: Este artigo propõe uma breve revisão da literatura psicanalítica que se dedica aos temas da sexualidade feminina, feminilidade e posição feminina, a partir da metapsicologia freudiana, com a finalidade de identificar a relação entre esses conceitos e sua pertinência na compreensão do sujeito contemporâneo. Faz-se uma abordagem, primeiramente, de como esses conceitos evoluíram na obra de Freud, e segue-se com autores psicanalíticos contemporâneos que desenvolveram os temas e propuseram uma releitura do pensamento freudiano, mantendo-se próximos ou distanciando-se de suas ideias. Pretende-se, a partir desta investigação inicial, estender os estudos sobre o assunto, na busca de pontos de convergência que indiquem um panorama teórico atual mais coeso.

Palavras-chave: sexualidade feminina; feminilidade; contemporaneidade; feminino; masculino.

Introdução

A clínica contemporânea tem levantado questões sobre o alcance e a eficácia das teorias psicanalíticas consolidadas para a compreensão de fenômenos que tangem os temas da sexualidade, feminilidade/masculinidade e posição feminina/masculina. Depara-se com a necessidade de revisão de conceitos que, supõe-se, não mais atendem à complexidade das subjetividades, na forma como são construídas e vivenciadas hoje.

Nesta perspectiva, os conceitos de *feminilidade* e *feminino*, numa ampla leitura, surgem para esclarecer o problema em questão, uma vez que, a partir de Freud, várias gerações de autores psicanalíticos compreenderam esses conceitos não como exclusivos à mulher, mas como um atributo dos dois sexos. As reflexões sobre feminilidade e feminino parecem reivindicar um lugar privilegiado na clínica contemporânea, que busca acolher o sujeito em suas modalidades de sexo e gênero, de aliança e de filiação, atravessado pela experiência do desamparo, traço estrutural de nossa condição humana.

¹ Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura/Universidade de Brasília.

² Professora doutora do Departamento de Psicologia Clínica e Cultura/Instituto de Psicologia/Universidade de Brasília.

³ Apoio Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Brasil/Bolsa de Pesquisa Pós-Doutorado Sênior no Exterior – Processo: BEX 2854/15-5.

Para isso, faz-se primeiramente uma abordagem da obra de Freud e de como esses conceitos se desenvolveram na metapsicologia. Segue-se com as considerações de autores pós-freudianos que repensaram o tradicional monismo sexual, assentado no modelo fálico-castrado, propondo uma nova leitura para a sexualidade feminina e a posição feminina como atributo não só da mulher, mas dos dois sexos, além de lançarem um novo olhar às origens da sexualidade, a exemplo de Jacques André, Janine Chasseguet-Smirgel, Monique Schneider, Julia Kristeva, Letícia Glocer Fiorini e Marian Alizade, e, no Brasil, Joel Birman, Marcia Arán, Ambrozina Saad.

Note-se que esses autores partiram das bases teóricas de Freud e das brechas deixadas por ele, em sua concepção do feminino e da feminilidade, para reinterpretarem a condição humana. Ainda que se considere concordância ou discordância entre as principais linhas teóricas sobre o assunto, a questão que se coloca à investigação psicanalítica é a complexidade da essência do feminino, na experiência subjetiva de homens e mulheres.

A partir da contribuição dos citados autores, este estudo aborda os conceitos de *sexualidade feminina*, *feminilidade* e *posição feminina*, com o objetivo de identificar a relação entre eles e sua pertinência e validade para melhor compreender o sujeito contemporâneo. Trata-se de um estudo exploratório, breve investigação sobre como esses conceitos foram se articulando e tomando rumos diversos, aparentemente opostos, no pensamento psicanalítico. Pretende-se aprofundar esta pesquisa com novos estudos que levem à formulação, se isto for possível, de um panorama teórico mais integrado e coeso.

A revolução freudiana

Sexualidade é tema central na psicanálise e, possivelmente, o que mais dúvidas e impasses teóricos e clínicos reúne. Os dilemas em torno deste conceito nuclear da psicanálise ocorrem, segundo Miodownik (2011), em parte pela concepção revolucionária e desestabilizadora de Freud sobre uma psicosexualidade infantil, considerada em seu aspecto histórico. Na construção da teoria freudiana, sexualidade e inconsciente são conceitos que se sustentaram mutuamente.

Os desdobramentos teóricos ocorridos na psicanálise pós-Freud, com sua apropriação pelas correntes psicanalíticas surgidas nas décadas seguintes, levaram a uma diversificação conceitual sobre o tema da sexualidade – embora mantidas as raízes e o tronco da metapsicologia – a ponto de André Green (2008) afirmar que há uma negação da sexualidade na clínica psicanalítica contemporânea. Sua crítica se volta à ênfase dada por psicanalistas americanos e ingleses a outros aspectos teóricos que afastam sua atenção do objetivo inicial da psicanálise, tal como Freud o concebeu. “Assim – adverte Green – a sexualidade deve enfrentar os ataques conjugados da psicologia do Ego, da

psicologia do Self, da intersubjetividade e da perspectiva das relações de objeto” (p. 85). Mais adiante, afirma que a teoria das pulsões de Freud “sofreu uma verdadeira repressão entre os psicanalistas, prontos para aproveitar todas as ocasiões para livrar-se dela” (p. 90).

Os dilemas conceituais em torno da sexualidade renderam os mais diversos enfoques teóricos. Leite Netto (2014) cita, como exemplos, a relação que se faz entre homossexualidade e perversão e a consideração da diferença sexual pelo paradigma da diferença anatômica entre os sexos. Para este autor, esses posicionamentos parecem estar relacionados às dificuldades de parte dos psicanalistas em acolher as chamadas neossexualidades e as novas configurações familiares dentro do arcabouço teórico da psicanálise, abstendo-se de uma visão normalizadora.

Em meio às transformações, observadas na clínica atual, das expressões da sexualidade e seu impacto na construção das subjetividades, a questão da sexualidade feminina, e as limitações teóricas que a cercam, parece reivindicar uma maior atenção das investigações dos psicanalistas. Esta ainda é vista, no cerne das conceituações psicanalíticas, intrinsecamente vinculada à maternidade, à histeria e ao complexo de masculinidade (Fiorini, 2014).

A revolução freudiana legou-nos a herança de uma sexualidade desvinculada da biologia. Depois de Freud e de suas teorizações sobre a sexualidade infantil, pulsão, objeto e outros conceitos nucleares da psicanálise, a noção de sexualidade humana não se vincula mais à reprodução. Em se tratando de humano, não há nada natural. A suposta finalidade de reprodução é subvertida pela nossa busca de prazer através da sexualidade. Além do mais, a ciência e a tecnologia contribuíram de modo radical para essa desvinculação: o advento da pílula anticoncepcional nos anos 60 trouxe como prática cotidiana viver a sexualidade sem reproduzir, e as tecnologias reprodutivas surgidas nos anos 80 e 90 possibilitaram gerar filhos sem ter relações sexuais.

Sexualidade e feminilidade em Freud

Na obra freudiana, o conceito de sexualidade tem suas raízes na Viena do fim do século XIX, nos primórdios da investigação das causas da neurose, a partir da clínica da histeria, passando pela investigação da sexualidade infantil e a definição de suas características autoerótica, perversa e polimorfa, e atingindo uma construção mais elaborada com o conceito de pulsão na metapsicologia freudiana (Arán, 1997).

A histeria foi modelo para os desenvolvimentos de Freud sobre vários conceitos, incluindo a sexualidade feminina, articulada à descoberta do inconsciente (Fiorini, 2009). A sedução e o enigma apresentado pelas pacientes de Freud permaneceram vinculados ao conceito de feminilidade e ao dito “continente negro” (Freud, 1926/1987e).

Note-se que este enigma, anunciado por Freud na pergunta *O que quer uma mulher?*, permaneceu durante toda a sua obra.

Nos *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud propõe a noção de bissexualidade psíquica como originária no ser humano. A partir daí, concebe a diferenciação entre masculinidade e feminilidade calcada no complexo de castração para os meninos e na inveja do pênis para as meninas. Na concepção freudiana do iminente psiquismo feminino, a menina não se sente ameaçada pela castração (como é o caso do menino) porque já nasce castrada.

A polaridade entre masculino e feminino, num binômio sujeito-objeto baseado na diferença sexual, se faz presente na obra freudiana desde os *Três Ensaios* e mais à frente no texto *A organização genital infantil*. Freud inicialmente estabelece uma nítida divisão entre masculino sujeito, ativo e com a posse do pênis, e o feminino objeto, passivo, sem a posse do pênis (Fiorini, 2009). Na lógica da castração, o discurso freudiano enfatiza o feminino em sua negatividade.

A partir dos trabalhos que tratam do complexo de castração e do Édipo feminino – *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* (1923/1987b); *A dissolução do complexo de Édipo* (1924/1987c); *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/1987e) – e, mais especificamente, dos trabalhos sobre a *Sexualidade Feminina* (1931/1987g) e a conferência sobre *Feminilidade* (1932/1994), Freud vai desenvolver aquilo que ele conseguia apreender sobre a mulher. As formulações freudianas submetem a sexualidade feminina ao primado do falo; segundo esta tese, para os dois sexos só há um órgão genital (o masculino) que desempenha papel estrutural.

Do ponto de vista estrutural, a fase fálica, portanto, define a menina e o menino. Apesar de Freud ter assentado toda a evolução psicosssexual para a feminilidade na psicosssexualidade do menino, “ele insistiu sempre nas diferenças dessa posição nos dois sexos, particularmente no Édipo feminino” (Kristeva, 2005, p.1714). A inveja do pênis e o complexo de castração são os organizadores que marcam o acesso à feminilidade (Freud, 1925/1987e). A menina depara-se com a ausência do falo, herança da mãe, que também não o tem, e renuncia à atividade fálica, abrindo então caminho à passividade. Para Freud, “o caminho do desenvolvimento da feminilidade está agora livre para a menina” (1931/1987g, p. 238).

Nessa época, Freud (1931/1987g) formulou sobre a importância primordial do elo entre a menina e a mãe: esta é, na verdade, o primeiro objeto de amor da menina, de quem recebe um investimento intenso e duradouro. Com isso, Freud sublinha a ambivalência desse primeiro vínculo, tecendo a homossexualidade primária (Kristeva, 2005). Esta autora ressalta que a descoberta de tal ambivalência, marcada pelo apego e pela hostilidade entre mãe e filha, levará Freud a postular uma bissexualidade psíquica

mais acentuada na mulher do que no homem, tornando mais tortuoso seu acesso à feminilidade.

A despeito de propor o modelo fálico-castrado para a sexualidade humana, tendo a masculinidade como origem e a feminilidade como derivação daquela, Freud, como já foi dito aqui, nunca fechou questão sobre a mulher. Nas clássicas conferências de 1932, admitiu que, “através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade” (Freud, 1932/1994, p. 114). Em nenhum momento de sua obra posicionou-se de forma definitiva sobre o tema: ao se referir à mulher como o *continente negro*, recusou-se a propor uma definição para feminilidade: “É da natureza da psicanálise não querer descrever o que é a mulher (...) mas examinar como ela o vem a ser” (Freud, 1932/1994, p. 117). Contradições foram apresentadas em suas ideias sobre atividade e passividade, masculinidade e feminilidade. (Ceccarelli, 2010; Saad, 2002)

Têm-se paradoxalmente, em Freud, outros registros que tentam esclarecer o enigma da feminilidade, para além de sua construção sob o registro fálico e a metáfora da castração. No texto sobre a *Sexualidade feminina*, Freud afirma que a fase pré-édipica na menina deixa espaço para todas as fixações e recalques que levam à gênese da neurose e, desse modo, sua pré-história teria tido o efeito de uma surpresa, como foi para a arqueologia o descobrimento da cultura minoico-micênica por trás da cultura grega. Com essa afirmação, Freud parece descolar a feminilidade do registro do falo e do império do Édipo.

Mais tarde, no texto *Análise terminável e interminável*, Freud expõe que a feminilidade não caracteriza nem o masculino, nem o feminino, e a aponta como registro originário do psiquismo. Nesta perspectiva, a feminilidade nasce do desamparo. Não se trata, portanto, de um atributo específico da mulher ou do homem, mas comum aos dois. No mesmo artigo, declarou que o “repúdio à feminilidade” seria uma “notável característica da vida psíquica dos seres humanos” (Freud, 1937/1987h, p. 268).

Esse entendimento retira o falo do eixo de referência da constituição da subjetividade e retoma ainda a dificuldade em definir masculino e feminino, já anunciada por Freud nos *Três Ensaio*s, em nota acrescentada em 1915. Freud admite ali o quão extraordinariamente complexo, do ponto de vista científico, é o conteúdo desses conceitos, ressaltando que todo ser humano apresenta uma mistura de características sexuais biológicas reconhecidas como femininas e masculinas, além de uma mescla de atividade e passividade.

Novos olhares sobre a feminilidade

Como se vê, o tema da feminilidade na obra freudiana é tardio. Ao seu surgimento une-se a tentativa de se apreender os enigmas do que está além da representação. Ou

seja, avançando ao registro fálico (ou seria melhor dizer, antecipando-se a ele), surge a noção da feminilidade amparada no modelo pulsional, anterior à organização fálica. Arán (1997) lembra que, devido a problemas de traduções para a língua inglesa e, conseqüentemente, para o português, o termo *feminilidade* é empregado de forma não precisa, ora para designar o destino da sexualidade feminina, ora como o adjetivo feminino.

Antes de se prosseguir com as teorias posteriores a Freud, faz-se pertinente apresentar uma definição dos termos abordados neste trabalho, na tentativa de distingui-los entre si. Conforme propõem Arán (1997) e Saad (2002), o termo *feminino* remete à dialética da economia sexual e pode corresponder à posição de passividade ou à falta em relação à castração. Nesta concepção, o feminino está submetido à lógica fálica, mas a definição é controversa e insuficiente, caso se considere o emprego que diversos autores fazem do termo, a começar por Freud. *Sexualidade feminina* pode ser compreendida como um destino da sexualidade na mulher; esta pode vir a se realizar, ou não. Está relacionada à lógica fálica – o que não acontece com o termo *feminilidade*.

Ainda na definição de Arán (1997) e Saad (2002), *feminilidade* remete a dois sentidos distintos e paradoxais. Enquanto relacionada à castração, vai significar a impossibilidade de simbolização no sentido de uma negatividade. É o continente negro, o indizível, a angústia, o enigma. Quando relacionada à vida pulsional, por outro lado, pode referir-se a uma positividade. Uma forma de erogenização não submetida à lógica fálica: o pré-edípico, o afeto, os primeiros destinos da pulsão.

Atendo-se ao pensamento freudiano, Paim (2014) propõe delimitar o termo *feminilidade* e *masculinidade* à identidade de gênero, e reservar ao termo *feminino* a “característica de fundante do psiquismo, que terá no *masculino* seu contraponto, para caracterizar os aspectos constitutivos da psicobissexualidade” (p. 43). Com efeito, a bissexualidade aparece nos textos freudianos como uma mescla de forças pulsionais ativas e passivas, relacionadas com a ideia de masculino e feminino, respectivamente.

No entendimento de Paim (2014), ainda que Freud tenha criticado, em 1933, a relação direta entre atividade/passividade e masculino/feminino, respectivamente, ele se utiliza dessa equivalência e reveza-se, em vários momentos de sua obra, desde 1905 até os escritos de 1938, entre os termos *masculino/feminino* e *masculinidade/feminilidade* para relatar a longa jornada da psicosexualidade no estabelecimento de uma identidade de gênero.

Voltando à delimitação dos termos proposta por Arán (1997), vale acrescentar a definição de *diferença sexual*, a qual a autora concebe como uma versão masculina da diferença. Esta definição aponta para a distinção dos humanos quanto aos sexos: feminino/mulher e masculino/homem. Abrange as dimensões anatômicas e biológicas – o corpo da fêmea e o corpo do macho.

A partir da experiência de negatividade – como a perda da referência fálica e a situação de desamparo –, a questão que se coloca é a da possibilidade de uma outra forma de trabalho psíquico ou de transformação da pulsão, na qual o conceito de feminilidade poderia configurar uma forma singular de sublimação (Arán, 2009). Em outras palavras, subvertendo a lógica fálica freudiana, deve-se considerar a existência do lado feminino sem defini-lo apenas como negativo ou positivo unicamente apoiado na maternidade. Na descrição da autora, “uma outra forma de erotismo que não tenha no falo a sua referência” (p. 662).

O feminino como sexo original

Se o feminino e a sexualidade feminina são deslocados para além do falo, deve-se percorrer as posições teóricas sobre o feminino como sexo original, feminilidade primária, feminilidade estrutural, entre outros conceitos. Tendo claro que, antes do momento em que o falo se inscreve no psiquismo do menino e da menina, estes já viveram sensações que deixaram suas marcas, à mercê dos cuidados externos como único modo de viver. Nas reflexões sobre o sexo original e masoquismo primário, definido por Freud em *O problema econômico do masoquismo*, Domingues (2014) ressalta que as primeiras sensações definem o que tanto homens quanto mulheres vivenciam como feminilidade. Trata-se de uma questão para ambos os sexos.

A feminilidade seria, assim, como sugere Birman (2001), o ponto de chegada de um movimento bastante complexo do pensamento freudiano, onde se dá o confronto do sujeito com seu desamparo. Em continuidade à ideia anunciada por Freud em seu texto de 1937, Birman propõe pensar a feminilidade como a origem e o originário do sujeito, um território inaugural do erotismo, que reverte o paradigma do masculino originário. O autor retoma o momento freudiano:

Quando o discurso freudiano formulou o conceito de feminilidade, foi enunciado que este não se identificaria com a sexualidade feminina no seu sentido estrito. Nem com a masculina, bem entendido. Menos ainda, é óbvio. Não obstante essas diferenciações iniciais, a feminilidade foi concebida como presente no fundo de ambas as modalidades de ordenação sexual, numa posição de latência contra a qual as sexualidades masculina e feminina se organizariam.

(Birman, 2001, p. 224)

Com efeito, o discurso freudiano anuncia a existência de outro registro psíquico, nem regulado nem fundado na figura do falo, mas representando uma ausência: a feminilidade (Birman, 2001). Justamente por essa ausência, homens e mulheres teriam horror à experiência da feminilidade – o horror à castração. Na leitura de Birman, Freud enunciou que a feminilidade estaria na origem do psiquismo. Seria o originário e não

mais psiquismo centrado no falo: “o feminino agora estaria na origem do mundo, isto é, no território fundante de nossa subjetividade” (Birman, 2001, p. 228).

Estendendo-se à questão do que vem a ser a mulher, Jacques André (1996) propõe que a feminilidade absoluta não é castrada e, sim, orifical. A partir dessa visão, a mulher não representa a falta, como propõe o modelo fálico-castrado, mas sim o receptáculo. O orifício a ser preenchido (Saad, 2002). Assim, o autor faz um retorno às fontes da vida psíquica e da constituição subjetiva, deslocando as “origens da sexualidade feminina em direção à feminilidade das origens da psicosexualidade” (André, 1996, p. 115).

Janine Chasseguet-Smirgel (1988) destaca o que se faz presente no masculino e no feminino – uma feminilidade comum a ambos os sexos. Na formulação da psicanalista francesa, a criança tem um conhecimento instintivo sobre a sexualidade, que é clivado ou recalado. Em consequência disso, a existência da vagina é negada (Saad, 2002).

Janine aponta nesta problemática a base do monismo sexual fálico, segundo o qual o homem é pleno e a mulher é falta. A partir dessa dialética, a autora interroga se a mulher é, primordialmente, falta ou receptáculo. Ainda, contesta a concepção passiva da vagina e confere a ela um poder de controle e dominação, ligado à analidade, conforme propõe Monique Schneider (2005).

Outra autora que parte da ideia de feminilidade como origem do psiquismo é Alizade (2008). A partir da observação de pacientes, esboçou como proposição teórico-clínica a feminilidade primária e a feminilidade estrutural, que se desdobraria num final do complexo de Édipo nas mulheres.

A feminilidade primária, segundo a autora, constitui a base dos primeiros movimentos sensuais e identificações. Comum aos dois sexos, desenvolve-se nos primeiros contatos de intimidade entre a mãe e seu bebê. É território de uma feminilidade passiva, associada à ideia de vulnerabilidade. Estende-se nas meninas, na situação pré-ediapiana e, durante seu desenvolvimento, as mulheres se deslocam da feminilidade primária para a feminilidade estrutural, consequência da “decantação do final do complexo de Édipo” (Alizade, 2008, p. 156).

Feminilidade e posição feminina: tessitura dos conceitos

Como foi descrito, os conceitos de feminino e feminilidade por vezes se entrelaçam e se confundem, mais ainda quando se insere a ideia de uma posição feminina.

No livro *As origens femininas da sexualidade*, Jacques André afirma que a posição feminina, tanto em meninas como em meninos, refere-se à posição em que o bebê se encontra ao receber a sexualidade procedente dos adultos e ser penetrado por ela, instaurando nele a psicosexualidade. Em entrevista ao *Jornal de Psicanálise*

(2009), André afirma que um dos principais obstáculos para a feminilidade dos homens é precisamente a ligação entre feminilidade e passividade:

Na relação feminino-passivo, ser amada e ser penetrada são formas passivas de ser e estão no âmago da situação da sexualidade feminina. (...) No caso dos homens, ser penetrado é uma ideia complicada, muito difícil de ser elaborada. Isso explica em parte a defesa dos homens contra a homossexualidade inconsciente, que se relaciona ao fantasma de sodomia, de ser penetrado.

(André, 2009, p. 13).

Na elucidação da tessitura desses conceitos, Maria Rita Kehl (2008) traça uma diferenciação entre a mulher, a posição feminina e a feminilidade: características sexuais anatómicas diferenciam os sujeitos quanto ao gênero, se homem ou mulher, conceito que inclui o sexo biológico e valores culturais. Diferente do gênero, há a posição, simbólica, do sujeito no discurso. Aqui se faz, como entende, a diferenciação freudiana fundamental de *ativo* e *passivo* para as chamadas posições *masculina* e *feminina*.

Por último, tem-se a masculinidade e a feminilidade no campo do imaginário, ou seja, as identificações que estruturam o eu. Na masculinidade, acredita-se portador de um falo, e somente as mulheres estariam submetidas à castração. Na feminilidade, a mulher não tem o falo. A relação de cada sujeito com esses três elementos é móvel e singular: “Podemos falar em homens-homossexuais-femininos, ou em mulheres masculinas, porém heterossexuais, ou em outras diversas combinações” (Kehl, 2008, p. 11).

Portanto, para muitos autores, a essência do feminino – e do masculino – não existe. Há, sim, representações do feminino e do masculino construídas histórica e culturalmente, por isso passíveis de mudanças no decorrer do tempo (Saad, 2002).

Parece incontestável que um estudo mais completo sobre formas de subjetivação deve abordar o problema das identificações. Como sugere Costa (1998), para a metapsicologia não se trata de identidade sexual, mas dos processos identificatórios por que passa o sujeito. Ribeiro (2000) toma a concepção de identificação feminina primária para afirmar que esta é recalcada nos dois sexos. Considera-se, para estudos futuros, a pertinência de uma articulação das pesquisas sobre sexualidade e subjetivação com o conceito de identificação, a partir de Freud.

Considerações Finais

Qual a importância de se rever conceitualmente sexualidade feminina e feminilidade? Considerar um espaço psíquico vivenciado primariamente por homens e mulheres e, a partir deste, a constituição de uma subjetividade, parece contribuir para se entender como a personalidade se constrói e se organiza sexualmente no mundo

contemporâneo. Mais ainda, é importante examinar como as teorias sobre sexualidade, feminilidade e o feminino podem orientar uma cura analítica e possibilitar a construção de um modo subjetivo de viver.

Nesta breve revisão bibliográfica, foi proposto que o papel da sexualidade – por extensão, a feminilidade – parece deslocar-se de raiz de sintomas para modos de subjetivação, expressos nos pacientes que chegam hoje aos consultórios. Sugere Freud (1932/1994) que a feminilidade seria um campo para poetas e artistas, ou quem sabe para a ciência futura.

As considerações teóricas expostas neste artigo levantam questões a serem abordadas pela clínica: As teorias psicanalíticas acerca do masculino e do feminino contemplam as problemáticas contemporâneas de sexo e gênero? Quando a teoria afeta a escuta analítica e de que forma? Aderir à posição teórica do modelo fálico-castrado ou da feminilidade primária vai distorcer a escuta analítica? E pode prejudicar o processo analítico?

A partir desses estudos, é possível considerar que a pesquisa psicanalítica sobre sexualidade deve abranger a discussão de novas concepções da mulher e do homem, tendo por pressuposto a feminilidade como fenômeno comum a ambos. Partindo da concepção de que tanto o homem quanto a mulher são femininos em seu primórdio constitutivo, esta condição pode ser a origem e o destino de toda experiência humana subjetiva.

Origins and destinations of femininity in Freud and contemporary

Abstract: This article proposes a brief review of the psychoanalytic literature that deals with feminine sexuality, femininity and feminine position, from the Freudian metapsychology, in order to identify the relationship between these concepts and their relevance for understanding the contemporary subject. First, it makes an approach about how these concepts have evolved in Freud's work, then, it presents other psychoanalytic authors who developed these themes and proposed a reinterpretation of Freudian thinking, keeping themselves close or far from their ideas. From this initial investigation, we intend to expand the studies on the subject in the search for points of convergence to indicate a more cohesive current theoretical overview.

Keywords: feminine sexuality; femininity; contemporary; feminine; masculine.

Orígenes y destinos de la feminidad en Freud y lo contemporáneo

Resumen: En este artículo se presenta una breve revisión de la literatura psicoanalítica que se dedica a los temas de la sexualidad femenina, la feminidad y la posición femenina, de la metapsicología freudiana, con el fin de identificar la relación entre estos conceptos y su relevancia en la comprensión del sujeto contemporáneo. Hace un enfoque, en primer lugar, de cómo estos conceptos se han desarrollado en la obra de Freud, y da seguimiento con otros autores psicoanalíticos que desarrollaron los temas y propusieron una reinterpretación del pensamiento freudiano, que quedan cerca o se alejan de sus ideas. Se pretende, a partir de esta investigación inicial, ampliar los estudios sobre el tema, en la búsqueda de puntos de convergencia para indicar una perspectiva teórica actual más cohesionada.

Palabras clave: sexualidad femenina; feminidad; contemporáneo; femenino; masculino.

Referências:

- Alizade, M. (2008). Feminilidade primária – feminilidade estrutural. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(4), 153-159.
- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- André, J. (2009). Entrevista com Jacques André – A vida de hoje e a sexualidade de sempre. *Jornal de Psicanálise*, 42(77): 13-22.
- Arán, M. R. (1997). A diferença como singularidade: sobre a questão da feminilidade na obra freudiana. *Série Estudos em Saúde Coletiva*, n.156.
- Arán, M. R. (2000). Feminilidade, entre psicanálise e cultura: esboços de um conceito. *Physis (Revista Saúde Coletiva)*, 10(1), 169-195.
- Arán, M. R. (2009). A psicanálise e o dispositivo da diferença sexual. *Estudos Feministas*, 17(3): 653-673.
- Birman, J. (2001). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Ceccarelli, P.R. (2010). Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões. In: C. Rial, J., Pedro, S., Arende (Orgs.), *Diversidades: Dimensões de gênero e sexualidade* (pp. 269-285). Florianópolis: Ed. Mulheres. Recuperado de <http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=1483>.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1988). *A sexualidade feminina – uma abordagem psicanalítica contemporânea* (P. C. Ramos, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Costa, J. F. (1998). A questão psicanalítica da identidade sexual. In R. B. Graña (Org.), *Homossexualidade – Formulações psicanalíticas atuais* (pp. 15-27). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Domingues, M.R.C. (2014). Estudo epistemológico da teoria freudiana da feminilidade. *Diálogo*, Canoas, 25, 123-132.
- Fiorini, L. G. (2009). As mulheres no contexto e no texto freudianos. *Jornal de Psicanálise*, 42 (76): 121-135.
- Fiorini, L. G. (2014). Repensando o complexo de Édipo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48 (4), 47-57.
- Freud, S. (1987a). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In S. Freud, *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1987b). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In S. Freud, *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 155-161). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1987c). A dissolução do Complexo de Édipo. In: S. Freud, *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 191-199). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1987d). O problema econômico do masoquismo. In: S. Freud, *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 19, pp. 175-188). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1987e). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: S. Freud, *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 19, p. 273-286). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1987f). A questão da análise leiga. In: S. Freud, *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 20, pp. 175-248). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (1987g). Sexualidade feminina. In: S. Freud, *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 21, pp. 231-251). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).

- Freud, S. (1994). Conferência XXXIII – Feminilidade. In: S. Freud, *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 22, pp. 113-134). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (1987h). Análise terminável e interminável. In: S. Freud, *Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 225-270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (A. M. R. Rivarola et. al., Trad.). Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kristeva, J. (2005). Sexualidade feminina. In: A. Mijolla, *Dicionário Internacional de Psicanálise*, (pp. 1714-1715). Rio de Janeiro: Imago.
- Miodownik, B. (2011). A sexualidade não é mais aquela. O que se faz com ela? –Comentários sobre os relatórios do Congresso da IPA no México. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45 (2), 31-42.
- Leite Netto, O. F.(2014). Psicanalistas diante da questão homossexual: perplexidades? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48 (1), 81-92.
- Paim Filho, I. A. (2014). *Metapsicologia: um olhar à luz da pulsão de morte*. Porto Alegre: Movimento.
- Ribeiro, P. C. (2000). *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*. São Paulo: Escuta.
- Saad, A. C. (2002). Um outro olhar sobre a feminilidade: feminino-singular, o primeiro sexo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36 (3), 603-629.
- Schneider, M. (2005). Feminilidade. In: A. Mijolla, *Dicionário Internacional de Psicanálise*, (pp. 702-704). Rio de Janeiro: Imago.

Claudia Aparecida Carneiro
SHIS QI 09, Bloco E-2, Sala 309
71.625-009 Brasília/DF
(61) 3248-3521
claudiacarneiro@hotmail.com

Eliana Rigotto Lazzarini
Universidade de Brasília
Departamento de Psicologia Clínica/
Laboratório de Psicanálise,
Subjetivação e Cultura
Campus Darcy Ribeiro
70.910.900 Brasília/DF
elianarl@terra.com.br